

MAIS RESPEITO, EU SOU CRIANÇA!

Pedro Bandeira



© Odilon Moraes

Resenha

“Prestem atenção no que eu digo,
pois eu não falo por mal:
os muito adultos que me perdoem,
mas infância é sensacional!

Vocês já esqueceram, eu sei.
Por isso eu vou lhes lembrar:
pra que ver por cima do muro,
se é mais gostoso escalar?”

Será que alguém já se esqueceu de como é gostoso ser criança? Criança que é um soldado corajoso na defesa nacional, que não tem medo de injeção, muito menos de hospital! Criança que quer a vida até o fundo, que quer aprender o mundo, que tem de conviver com a insensatez dos adultos, que reconhece seus pequenos erros, que reflete sobre brancos e negros, que questiona: por que tudo neste mundo é feito para complicar? Enfim, criança que tem vontade de dizer: “Mais respeito, eu sou criança!”



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Esta deliciosa antologia é dividida em três partes: “Eu comigo mesmo”, em que a criança filosofa sobre seu próprio comportamento e sentimentos; “Eu e os outros”, em que fala de suas relações com os que a rodeiam, o pai, a mãe, o gatinho, o vizinho; e “Eu e o que penso”, em que diz o que pensa sobre uma série de assuntos importantes para ela: os dois lados da minhoca, os números, as letras. Todos esses poemas, além de incentivarem um processo de criação artística, propiciam um profícuo debate sobre temas significativos para todos: o erro, o preconceito, a questão da identidade, das expectativas com o futuro, os sonhos e muitos outros.



Depoimento

De Mônica Rodrigues,
atriz e mãe

Num mundo em que somos atravessados por uma avalanche de informações, estímulos e cobranças, torna-se tristemente fácil não perceber o encanto que as descobertas da infância proporcionam às crianças, e a importância de terem seus direitos respeitados para que a aventura do crescimento seja segura e serena.

Neste saboroso livro, Pedro Bandeira ousa dar o microfone diretamente às crianças para emitirem, em alto e bom som, suas exigências. Os poemas tornaram-se uma espécie de “código de acesso aos ouvidos dos adultos”, revelando as necessidades das crianças sem puerilidade.

Assim, o livro constrói uma atmosfera irreverente para falar de abusos, afetos e faltas que as crianças sentem; para tratar do respeito e do reconhecimento da individualidade.

Acho quase impossível (e, confesso, aconteceu comigo mais de uma vez) durante a leitura não escutar um: “ouviu, mãe?” íntimo, um puxão de orelha interno dado pelo autor, aceito com humildade, para que a experiência transformadora seja de fato para todos, retirando o falso lugar de superioridade dos adultos.

Após ouvirem os primeiros poemas do livro, meus filhos, Miguel e Luara (9 e 5 anos), além de

Eliza, 7 anos, amiga comum dos nossos momentos de leitura, e Gabriel, de 11 anos, nosso recém-convidado, foram ativados por um direito de dizer, interromper, indagar, manifestar-se. Isso só acontece porque, através de seus versos atrevidos, Bandeira é certo ao instaurar um lugar de fala real, concreto e acolhedor.

Gabriel disse no início: “Ninguém costuma ler para mim, eu nem sei se é chato ou outra coisa”, enquanto arrumávamos um cantinho antes de começar. Aos poucos, foi se sentindo mais à vontade, reconhecendo silenciosamente a permissão para falar sobre qualquer assunto, sob sua própria perspectiva. No entanto, penso que essa “permissão” não é Bandeira quem dá, ela já está dada, pelo simples existir dos nossos pequenos, o autor abertamente reconhece o direito e a grandeza desse direito, através de seu olhar de artista.

Aglomeradas em torno do livro, elas afirmam gostar muito de desenhar, e conversam com as inventivas ilustrações de Odilon Moraes. Percebem rápido quando os desenhos de Odilon indicam outro tom ou tema, numa antecipação proveitosa dos conteúdos, ou quando sugerem outros sentidos, produzindo uma atmosfera intrigante.

A contundência dos assuntos tratados convoca as crianças com naturalidade a expressarem as preferências, discordâncias, afetos e memórias. Num dado momento, a versatilidade dos

habilidosos versos de Bandeira foi perceptível para Eliza: “Esse poema é igual uma brincadeira”, no que as outras crianças prontamente concordaram. Na sua visão, “porque é divertido, eu aprendo”. Cativado, Gabriel resume: “como ia imaginar que dá para fazer poesia só pensando na letra H?”. E adiante, nos damos conta: só mesmo uma mente inventiva para não recusar nem mesmo a matemática como matéria-prima para a criação de um poema.

Meu filho maior, que estava atento à leitura e à apreciação dos versos, uma hora interrompeu e pediu para colocar uma base rítmica de *rap*, no som do celular mesmo. Assim surgiu o poema “Quem sempre foi sempre será” em uma versão *hip-hop*, enquanto as crianças menores repetiam o último verso, como um coro que reforça a letra e também o chamado. Admito, com um certo orgulho, que vi o poema “explodir” pela atitude de Miguel. Uma festa espontânea, encabeçada pelas crianças, tornou-se possível, e isso porque o mestre de cerimônias, o querido Pedro, é hábil em colocar o microfone “no lugar certo”.

Na verdade, o livro inteiro e seus versos estão pedindo esse momento de “causar no mundão” e espalhar a singularidade das vozes infantis por meio da potência dos seus enunciados poéticos. Fica difícil negar a legitimidade dos discursos, quando desbloqueiam uma leitura atrevida para corações despertos, e que consegue, ao mesmo tempo, ser extremamente atenciosa, ao dar importância às questões pouco visíveis.

Por fim, não se espera dos adultos um “parecer satisfatório” sobre as ideias das crianças em relação às coisas do mundo, uma espécie de “aval-sobre-o-que-é-importante-falar”, ou quais assuntos são merecedores de atenção. A criança emancipa seu olhar sobre si mesma e, igual à capa do livro, sobe, com o auxílio dos poemas, os degraus da indiferença do mundo, construindo sua escada da maneira que for, para falar com altivez, *a respeito* do que quiser.



Um pouco sobre o autor

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, **Pedro Bandeira** mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A Droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Desde 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.



Leia Mais

Do mesmo autor e série

- ✦ *Esses bichos maluquinhos!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que eu quero pode acontecer.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *A hora do desconto.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cavalgando o arco-íris.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Uma ideia solta no ar.* São Paulo: Moderna.
- ✦ *Fábulas palpitadas.* São Paulo: Moderna.

Sobre o mesmo assunto

- ✦ *Declaração universal do moleque invocado*, de Fernando Bonassi. São Paulo: Editora Cosac & Naify.